

MEDALJON, Alberto. Como viveu a "Aurora Campineira" e perfis dos Irmãos Teodoro. Correio Popular, Campinas, 13 abr. 1958.

Como viveu a "Aurora Campineira" e perfis dos Irmãos Teodoro

Alocução evocativa no Cemitério da Saudade e proferida pelo jornalista Jayme

Correio Popular

Medaljon

13-4-1958

Das festividades comemorativas do centenário da imprensa de Campinas, como noticiamos, figurou a visita realizada ao túmulo de Francisco Teodoro de Siqueira e Silva, fundador juntamente com o seu mano João da "Aurora Campineira".

Na ocasião falou o jornalista Jayme Medaljon que leu o presente trabalho, ora aqui transcrito pelo seu conteúdo histórico, digno de ser conhecido pelos nossos leitores:

Aqui neste tumulto raso e simples repousa um dos irmãos que impulsionaram o primeiro jornal desta terra, a "Aurora Campineira", no velho prédio da rua Ferreira Penteado, canto com irmã Serafina, que, dentro de poucos minutos, será assinalado com uma placa de bronze, ota que os posterios sejam devidamente alertados. Viemos aqui, nós os membros da Comissão dos Festejos do 1.º Centenário da Imprensa de Campinas e vós, ilustres representantes da coletividade campineira, trazer a palavra de saudade a Francisco Teodoro de Siqueira e Silva, um dos baluartes da imprensa desta querida "Princesa d'Oeste", no século passado. Talvez que Francisco fosse mais poeta que o irmão, menos ousado que João Teodoro, que com o seu espírito bem formado e mais prático para as coisas da vida contribuiu flagrantemente para as empresas arrojadas, como essa de fundar e fazer funcionar um jornal, nos idos tempos em que a imprensa era olhada com incredulidade, sendo mesmo considerada uma aventura. Francisco Teodoro a quem rendemos neste instante as mais sinceras e justas homenagens era mais sonhador e preocupava-se mais com os babados das românticas "criaturas que cruzavam as ruas dessa nossa velha e sempre benquista Campinas. A firma Silva & Irmão, da qual Francisco foi, sem favor, um dos esteios, teve naturalmente no seu espírito irrequieto, tanto dentro do lar como nas lides da vida, um dos principais incentivadores. João, mais velho com dois anos, era porém mais combativo e liderava todas as campanhas que a "Aurora Campineira" esposou, a sua ansia incontida não tinha limites e os movimentos reivindicatórios que encetava levava-os a bom termo, fosse qual o preço que o empreendimento exigia. Francisco e João eram tipógrafos e viviam integrados nas suas profissões. A vida desse ilustre

varão, a quem, ao ensejo das Comemorações do Primeiro Centenário da Imprensa de Campinas, testemunhamos a nossa saudade e homenagem, junto ao seu túmulo, é ainda muito pouco conhecida dos biografos. Só agora, muito recentemente, os historiadores começaram a pesquisar a num sentido mais profundo.

Sabe-se que Francisco e João eram filhos do alferes Joaquim Teodoro da Silva, um português de profundas tradições, e de dona Maria Barbara de Siqueira e Silva, cujo casal havia aportado a Campinas vindo da cidade de Brás Cubas. Nasceu Francisco a 15 de março de 1836, em Campinas, vindo à luz antes da vila de Nossa Senhora da Conceição possuir os foros de cidade. Enquanto como jornalista mais se destacava João, Francisco preferia a poesia e evitava as porfias que pudessem ter em seu bojo a luta. Era mais acomodado e contemplativo, muito embora fosse sempre e sempre o companheiro fiel de seu irmão, arriscando-se com aqute nas campanhas não pequenas que se tratavam frequentemente naquele amanhar de nossa imprensa.

Francisco era cauteloso e prudente, enquanto que João mais desassombrado e audacioso escrevia naquela época em que a política fervilhava em Campinas.

Fechada a "Aurora Campineira" e o "Conservador" que a seguiu na ordem cronológica, Francisco Teodoro continuou o seu trabalho como tipógrafo, sem se afastar da imprensa, que então já desfrutava de apreciável prestígio dentro do nosso Estado. Sempre prosseguindo no mesmo ramo de atividade, foi mais tarde diretor e proprietário de um outro bi-semanário o "Constitucional", órgão conservador e clerical, que tinha como faceta mais evidente a

sua contraposição a "Gazeta de Campinas", periódico que a nossa atual geração conheceu e que desapareceu, definitivamente, na revolução de 1930.

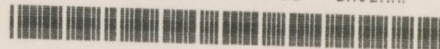
Também com o "Constitucional" não foi feliz Francisco Teodoro de Siqueira e Silva. Ela que ali exerceu os mais variados cargos, tendo sido até o seu gerente. Desesperançado das possibilidades de manter o jornal passou a direção do mesmo ao compositor Francisco Pedro de Oliveira, que não tardou a remover a sua tipografia para a rua do Comercio.

Profundamente desiludido e tendo a saúde bastante abalada, Francisco Teodoro deixou definitivamente a imprensa, dedicando-se ao lar. Faleceu ele em fevereiro de 1889, quando a febre amarela grassava intensamente.

Não foi vítima porém da inclemência daquela epidemia. Morreu do coração, aquele pranteado colega e ilustre campineiro.

Esta lapide, que a Comissão Executiva dos Festejos do Primeiro Centenário da Imprensa de Campinas, inaugura neste momento pela palavra modesta e desataviada de um dos seus membros, bem longe está de representar o que foi a vida e as magnificas ações de Francisco Teodoro Siqueira e Silva. Ela não representa sinão uma frase no mármore frio, que continuará aqui perdida sobre seu túmulo, para lembrar os transeuntes que esse campineiro foi um dos fundadores da imprensa de Campinas.

Biblioteca Centro de Memoria - UNICAMP



CMUHE030281